

O PARTENON NUMA LEITURA DE *OS DEUSES DE RAQUEL*, DE MOACYR SCLIAR

*Emuel de Faria Diniz*¹

*Flaine Nogueira de Souza*²

*Jhonatam Manica*³

Resumo: Este texto se propõe a demonstrar como o Partenon, um importante bairro da cidade de Porto Alegre, compõe o espaço da narrativa de *Os deuses de Raquel*, romance publicado pela primeira vez em 1975. O livro, de autoria do escritor e médico Moacyr Scliar (1937-2011), tem como protagonista Raquel, uma jovem que tem muitos conflitos emocionais vivenciados no referido bairro. Ao mencionar o trabalho do jornalista e escritor gaúcho Ary Veiga Sanhudo (1915-1997), o narrador explica parte da história do Partenon, provocando o diálogo entre a literatura e a história e informando o leitor sobre a formação urbana da capital gaúcha. Aqui o romance *Os deuses de Raquel* se diferencia um pouco dos demais livros de Scliar, pois, quase sempre, é o bairro Bom Fim que estrutura o espaço das obras do escritor.

Palavras-chave: Partenon; *Os deuses de Raquel*; Moacyr Scliar.

Abstract:

This text proposes to demonstrate how the Parthenon, an important neighborhood of the city of Porto Alegre, composes the space of the narrative of *Os deuses de Raquel*, novel published for the first time in 1975. The book, authored by the writer and doctor Moacyr Scliar (1937-2011), features Rachel, a young woman who has many emotional conflicts experienced in the neighborhood. When mentioning the work of Rio Grande do Sul journalist and writer Ary Veiga Sanhudo (1915-1997), the narrator explains part of the history of the Parthenon, provoking a dialogue between literature and history and informing the reader about the urban formation of the capital of Rio Grande do Sul. Here the novel *Os deuses de Raquel* differs a little from the other books of Scliar, because, almost always it is the neighborhood Bom Fim that structures the space of the works of the writer.

¹ Professor do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Coxim. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Coxim.

³ Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Coxim.

Keywords: Partenon; *Os deuses de Raquel*; Moacyr Scliar.

A produção literária do escritor Moacyr Scliar (1937-2011) comporta mais de setenta livros de gêneros diferenciados, tais como romances, ensaios, crônicas, ficções infanto-juvenis e contos. O escritor gaúcho teve suas obras publicadas em mais de vinte nações e foi laureado quatro vezes com o “Prêmio Jabuti” (em 1988, 1993, 2000 e 2009), respectivamente, pelas obras *O olho enigmático* (categoria Contos), *Sonhos tropicais* (categoria Romance), *A mulher que escreveu a Bíblia* (categoria Romance) e *Manual da paixão solitária* (categoria Romance, também escolhida obra de Ficção do Ano). Além de colaborador em vários órgãos da imprensa no país, como a *Folha de São Paulo* e o *Jornal Zero Hora* (RS), Scliar foi médico e membro da Academia Brasileira de Letras a partir do ano 2003. Em 2017 muitas comemorações estão sendo feitas em homenagem ao escritor, que estaria completando oitenta anos de idade. Também é importante assinalar a unanimidade que Scliar goza como grande escritor da literatura brasileira contemporânea.

Numa primeira leitura pode-se, aparentemente, afirmar que o romance *Os deuses de Raquel* é uma narrativa comum sobre uma família de emigrantes, pois o enredo do livro pode ser definido assim: Ferenc Snezes é um judeu húngaro, professor de latim e oriundo de uma família rica. O dinheiro que herdou do pai foi-se num desastrado projeto de uma Escola de Altos Estudos de Língua Latina. Apesar de a sua mulher preferir a Europa, Ferenc vem para o Brasil, recomeçar a vida em Porto Alegre, a capital do Estado do Rio Grande do Sul. Ferenc tenta o ensino latinista, mas acaba dono de uma ferragem. Já na capital gaúcha, nasce-lhe a filha, Raquel, a protagonista do romance.

O narrador da obra enfatiza a chegada de Ferenc à capital rio-grandense-do-sul, ressaltando que ele afirmava que a cidade tinha “um clima de cidade europeia”, o que foi um de seus “muitos erros”, já que na verdade Porto Alegre era “Trópico puro. Calor de panela de pressão”. Com seus “trinta e três graus à sombra”, as frutas do café da manhã de Raquel parecem ter suas qualidades comprometidas: “a lúbrica banana, meio murcha, coberta de mosquinhas; o ressumante abacaxi; o mamão, com seus caroços pretos, semelhantes a insetos; o melão espanhol, amarelo pálido, meio esverdeado” (SCLIAR, 1978, p. 10, 11).

No livro, dois bairros de Porto Alegre são comumente mencionados: o Bom Fim e o Partenon. No romance, quando o primeiro deles é citado, é quase sempre em contextos depreciativos. Desse modo, no momento em que Raquel dialoga com a Irmã Teresa, a protagonista diz que “há sinagogas no Bom Fim, mas nós não vamos para lá. É muito longe”. Raquel prefere ficar no Partenon, o bairro que comporta o Colégio onde ela estuda (SCLIAR, 1978, p. 38). Em outra situação, o narrador afirma que há uma agência do ramo publicitário no Bom Fim, a saber, a “Momento Publicidade”, mas “era uma **pequena** agência”, razão pela qual Raquel não se anima muito em ir visitá-la (SCLIAR, 1978, p. 110, **negrito** nosso). Ao abrir o jornal da cidade, Raquel se depara com um convite para um enterro: “morreu uma Raquel, uma do Bom Fim. Uma velha – até bisnetos convidam para o enterro” (SCLIAR, 1978, p. 11). O único ponto positivo para o Bom Fim é que lá cresceu Miguel, o grande amigo de Raquel, “sempre atrás dela, o lamentável anjo da guarda, velho [...] Jamais a deixa só”. Esse moço passa parte da infância nesse local, mas acaba por se mudar posteriormente para o São Pedro, uma clínica para tratamento de loucos que ficava no bairro Partenon (SCLIAR, 1978, p. 20, 22, 59, 89).⁴

É no Partenon que a narrativa se desenvolve. É lá que: a) Ferenc monta sua loja de ferragens; b) onde fica o colégio de Freiras no qual Raquel foi matriculada (SCLIAR, 1978, p. 25); c) onde Miguel acredita ter recebido a missão de construir, no alto do morro, um templo grande e bonito, “com ouro nas paredes” e no qual trabalhava todos os domingos, atuando como “o arquiteto, o pedreiro, tudo” (SCLIAR, 1978, p. 22, 23). O narrador chega a dedicar quase duas páginas inteiras para contar o surgimento do bairro Partenon. Ele menciona que, ao procurar um bairro para instalar sua loja, o pai de Raquel sentiu-se atraído pelo Partenon: “Seria, pelo nome, um lugar de gente culta, sensível. Tomou um bonde para lá. À medida que se aproximava do fim da linha, o ar lhe pareceu mais fino, mais leve” (SCLIAR, 1978, p. 16). Indagando pelo motivo de o bairro se chamar Partenon, Ferenc,

⁴ No livro *A face oculta*: inusitadas e reveladoras histórias da medicina, Scliar expõe que, no início da sua crônica “A tísica e sua aura”, atuou como médico numa clínica psiquiátrica que era denominada de Partenon: “No Hospital Sanatório Partenon, onde trabalhei desde os meus tempos de estudante de medicina, havia alas masculinas e femininas, separadas por corredores. Esses corredores eram objeto de especial preocupação por parte das dedicadas freiras que cuidavam dos pacientes. Temiam os encontros furtivos que porventura pudessem ocorrer na calada da noite (e que certamente ocorriam).” (SCLIAR, 2001, p. 58-63).

Muitos anos depois descobriria, lendo o livro de Ary Veiga Sanhudo, que ali deveria ter tido sua sede a Sociedade Partenon Literário, fundada em 1861. A obra, contudo, não passara da pedra fundamental. [...] Numa manhã de dezembro de 1879 – narra Ary Veiga Sanhudo – precisamente ali onde ainda hoje está, foi lançada a pedra fundamental do Hospício São Pedro. O nome lembra a nossa Província e a 29 de julho de 1884, dia de São Pedro, foram inauguradas parcialmente as primeiras instalações. Depositaram aí então 41 loucos. Ferenc sorriu. Ali estava ele, longe da Hungria, sem emprego, sem dinheiro, num bairro chamado Partenon, diante de uma casa de – um culto nobre e sua linda filha? – não, de loucos. Loucos. Lá estavam eles, andando pelas alamedas do Hospício, piscando ao sol que começava a queimar as calçadas. Desceu do bonde. Caminhou pelas ruas do Partenon. Encontrou uma loja vazia; aluga-se, dizia um letreiro. Espiando pelos vidros sujos da vitrina, Ferenc descobriu o que deveria fazer. Instalaria ali uma loja de ferragens. Venderia marretas, serras, talhadeiras, martelos, verrumas, picaretas – toda a sorte de ferramentas para serem usadas pelas mãos fortes de homens silenciosos – para a demolição, para a construção. Demolir, construir – era disto que o Estado precisava naquele verão de 1935, ano do centésimo aniversário da Revolução Farroupilha. (SCLAR, 1978, p. 16, 17)

Ao mencionar o trabalho do jornalista e escritor gaúcho Ary Veiga Sanhudo (1915-1997), o narrador explica parte da história do Partenon, provocando o diálogo entre a literatura e a história e informando o leitor sobre a formação desse bairro porto-alegrense. Aqui o romance *Os deuses de Raquel* se diferencia um pouco dos demais livros de Scliar, pois, desde seu início, o Partenon se destaca mais que o Bom Fim, o que não se verifica em outras obras do escritor.

Considerando esse contexto abrangente, é importante frisar que os primeiros livros de Scliar têm muito a ver com os acontecimentos relacionados ao seu Estado, o Rio Grande do Sul, conforme se verifica com a publicação de seu primeiro romance, *A guerra no Bom Fim* (1972).⁵ Neste, o enredo se estabelece no Bom Fim, bairro da infância do escritor gaúcho. A sinopse dessa obra abarca o referido bairro: Joel é o protagonista desta obra que mescla realismo e fantasia. Ele rememora seus tempos de menino judeu, quando vivia com a família na Porto Alegre dos anos 1940, em pleno bairro Bom Fim, o

⁵ A respeito dessa constatação, é válido se atentar ao que disse Scliar à Zilberman: “Todo autor é autobiográfico quando começa e *A guerra no Bom Fim* é a minha primeira novela (prefiro esta denominação, mais modesta, à de romance). Não posso dizer que me retratei no personagem Joel, mas outros que ali aparecem são até figuras que realmente existiram. E o bairro era aquilo mesmo. Quanto ao período, certamente é importante, com as revelações sobre o Holocausto, a proclamação do Estado e, no caso da comunidade judaica, um maior entrosamento com a cultura brasileira”. (ZILBERMAN, 2009, p. 117-118).

coração judaico da capital gaúcha. Outras obras do início da carreira literária de Scliar cujo tema é o Rio Grande do Sul são: *Os mistérios de Porto Alegre*, livro constituído de contos e crônicas, datado de 1975 e *A balada do falso Messias* (1976), livro que contém dez contos que falam de homens e mulheres que partilham dos anseios e das tradições judaicas, concretamente vividos no Rio Grande do Sul do século XX. Outra obra inicial de Scliar em que a capital gaúcha também tem destaque é *O ciclo das águas*, romance publicado em 1977, reconhecido com o segundo lugar no Prêmio Érico Veríssimo de Romance.

A constatação de Scliar ter Porto Alegre e o Rio Grande do Sul como pontos de partida iniciais na sua carreira literária foi uma observação também pontuada pela crítica literária Regina Zilberman. Quando da entrevista que realizou com Scliar no ano de 2009, antes de fazer a primeira pergunta para o escritor gaúcho, a estudiosa diz para Scliar que “entre 1972 e 1977 [...] são publicados **os romances de Porto Alegre** - *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975), *O ciclo das águas* (1977)”. Segundo ela, esses “romances de Porto Alegre” constituem o primeiro período da cronologia dos romances de Scliar, sendo que essa cronologia é constituída de três fases e em todas elas comparece a temática judaica (ZILBERMAN, 2009, p. 116, grifo nosso). Depois de fazer essa exposição ao escritor, Zilberman indaga a Scliar: “gostaria de conhecer tua percepção da trajetória de tua ficção”, ao que ele responde:

Moacyr Scliar: Em primeiro lugar, achei ótima essa cronologia, da qual não tinha me dado conta (nada como uma mestra da literatura para revelar aspectos da obra ao próprio autor...). Ela [a cronologia proposta por Zilberman] realmente descreve minha trajetória. **Comecei [minha carreira literária] lembrando minha vivência na comunidade judaica do Bom Fim**; depois, à medida que a experiência de vida e o horizonte cultural foram se alargando, comecei a explorar a interface judaísmo-Brasil. (ZILBERMAN, 2009, p. 116-117, grifo nosso)

A concordância de Scliar para com a classificação de suas obras proposta por Zilberman é relevante se se levar em conta que, embora ele seja muito gentil em seus depoimentos, nas entrevistas concedidas – por Scliar – nem sempre ele concorda com a sistematização formulada por teóricos para o conjunto de seus livros publicados. Quanto à afirmação de Scliar de que sua trajetória na literatura começou com a abordagem ficcional das suas vivências

no Bom Fim, podem ser consideradas as explicações teóricas de Hugo Achugar, por meio das quais se pode pontuar que o bairro do Bom Fim é, para Scliar, o lugar da memória. Porém, na acepção de Achugar o lugar da memória refere-se ao lugar não só geográfico, mas também cultural. Há lugar, lugares, lugares sobre lugares, translugares, entre-lugares, não-lugares. Todos eles podem estar presentes no monumento/narrativa: “Pode-se falar sobre seu lugar a partir de outro lugar” (ACHUGAR, 2006, p. 199). Esse lugar a partir de onde se fala é o *locus* de construção do conhecimento. Daí que “o lugar onde se está, modifica, condiciona, constrói, fecha o discurso” (ACHUGAR, 2006, p. 199). As palavras elucidativas do crítico Hugo Achugar levam a conjecturar que o lugar ou lugares de onde o sujeito-escritor fala é o que “condiciona” e “constrói” seu discurso. Por isso, na trajetória de Scliar a análise dos “romances de Porto Alegre” permite refletir sobre o lugar de onde o sujeito-escritor Scliar fala. Fala a partir de um lugar de transição, de um entre-lugar, de um lugar cultural híbrido. Em outras palavras, o escritor constrói/condiciona sua narrativa a partir desse lugar específico.

Se as palavras de Achugar podem ajudar criticamente na compreensão da motivação para a escrita scliariana, há um depoimento do próprio escritor que também elucida essa predileção que ele demonstrou na composição do romance em análise. Ei-la:

O cenário é o Partenon, o bairro de Porto Alegre que tem mais *soul*; o bairro onde certamente está o inconsciente da cidade. Como muito bem notou o psiquiatra Fernando Guedes a cidade colocou no Partenon doentes, forças da lei, cultos e templos. Muitas de nossas fantasias residem ali.

Essa afirmação de Scliar, retirada de um manuscrito datilografado no início de uma das versões *Os deuses de Raquel*, foi retirada da Coleção Delfos Digital PUC-RS, e é importante para compreender que, na elaboração do romance, a escolha pelo Partenon foi muito adequada para instalar seus personagens loucos e atormentados, conforme se pretende demonstrar nos próximos parágrafos.

No romance, o Partenon, tal como o bairro de Porto Alegre, está repleto de indivíduos que se comportam como que beirando à loucura. Um deles é Miguel, “rapaz quieto e bondoso, trabalhador – era aprendiz numa marcenaria”. Era considerado “esquisito” pela família “porque lia muito a Bíblia,

rezava e falava sozinho” (SCLIAR, 1978, p. 20). Miguel, o narrador do livro, fala consigo e de si mesmo na terceira pessoa (do singular), assim concebendo sua missão divina: “foi a este homem, a este Miguel, que eu confiei a missão. Sai da casa de teus pais, eu lhe disse, vem ao lugar que te indicarei, constrói um templo em minha honra” (SCLIAR, 1978, p. 25). Essa ideia de construir um lugar de adoração a Jeová era tão intensa em Miguel que ele a compartilhava a Raquel desde que ela era menor: “E sei que alguém o comovia: a pequena Raquel. Tomava-a ao colo, contava histórias da Bíblia, falava do Templo de Salomão – cedro, mármore, ouro” (SCLIAR, 1978, p. 24). Apesar de sonhar com uma edificação luxuosa, o templo que ele constrói tem “paredes grossas”, “é uma construção rústica, uma espécie de galpão. O chão é de tábuas cruas. O telhado, de velhas folhas de zinco compradas em demolições. Há alguns bancos, feitos de caixotes.” Miguel acredita que seu templo precisa ter um armário para “o Livro”, razão pela qual esse móvel “foi envernizado e adornado com uma velha cortina de veludo vermelho. Nesta, o próprio Miguel bordou, com fio dourado, grosseiras silhuetas dos leões de Judá segurando as tábuas da lei” (SCLIAR, 1978, p. 96). O conteúdo desse Livro é revelado na última página do romance. Diz o narrador à protagonista: “Quero que veja o Livro, o Livro que agora termino de escrever e que conta tudo destes dias. Os dias de Raquel. Destes deuses: os deuses de Raquel:” (SCLIAR, 1978, p. 125). É importante assinalar, ainda, que no romance há uma passagem que sugere que o motivo da construção do Templo também seja se aproximar de milagres, conforme se lê no seguinte trecho: “O milagre: quando os Macabeus reconquistaram o Templo encontraram uma lâmpada que continha apenas um resquício de óleo; mesmo assim a chama ardeu oito dias e oito noites” (SCLIAR, 1978, p. 79). A leitura do último parágrafo do livro evidencia que o Templo ficou pronto (SCLIAR, 1978, p. 125).

O pai de Raquel contrata Miguel para ser seu empregado na loja, pois era “raro encontrar um judeu no Partenon, um homem do bairro, conhecedor da vizinhança” (SCLIAR, 1978, p. 23). Miguel é esforçado: tem a chave da loja, chega antes de todos, mas muitas vezes faz “confusões incríveis” junto aos clientes (SCLIAR, 1978, p. 81, 121). Aparentemente, ele consegue viver bem em sociedade, pois “há anos não se recolhe ao Hospício; prefere ficar na loja, salmodiando suas rezas em hebraico, espantando os fregueses” (SCLIAR, 1978,

p. 89). É ele que ajudava Raquel a fazer seus trabalhos escolares de latim, matemática e português, razão pela qual no romance se lê: “Como é inteligente, admira-se Raquel, nem parece louco.” (SCLIAR, 1978, p. 34). A aparência de Miguel é um tanto excêntrica, mas não desprezível: “anda sempre de branco e de sandálias, como um profeta”, “dentes manchados”, “rala cabeleira branca, barba de um branco sujo. De blusa branca e sandália, verão ou inverno” (SCLIAR, 1978, p. 34, 81, 89). Em alguns momentos da obra, nota-se que Raquel o admira: “Raquel não o teme, acha-o até bonito, pelo rosto puro pelos grandes olhos azuis”, com “seus grandes olhos, sua pele delicada, seu sorriso – é bonito.” (SCLIAR, 1978, p. 35-35, 124).

Quanto à Raquel, ela também enfrenta muitos conflitos emocionais que quase a levam à loucura. No início do livro o narrador a descreve fisicamente sem deixar de apontar sua aparente infelicidade: “é bonita”, tem “cabelos curtos, cor de cobre, olhos esverdeados, nariz reto, lábios finos, um pouco caídos nos cantos, sim – mas é bonita, apesar da expressão de desgosto” (SCLIAR, 1978, p. 13). Posteriormente, ela é descrita tendo “o cabelo dividido ao meio por uma risca, os seios pequenos” (SCLIAR, 1978, p. 39). Sua aparência delicada contrasta com sua grande inquietação interior, que talvez possa ser explicada pelo fato de Raquel ser filha de imigrantes e ter seus conflitos iniciados antes mesmo de ela nascer: em sua gestação sua mãe sofreu muito (SCLIAR, 1978, p. 20), ela era filha única, estudou na escola de freiras como era a vontade do pai e, enfim, desde criança, já se mostrava uma pessoa um tanto angustiada, apesar de ter crescido “sob o olhar vigilante e amoroso da mãe” e ter tido um pai que se esforçava muito para que nada lhe faltasse, principalmente livros, cadernos e lápis (SCLIAR, 1978, p. 20).

Raquel é equilibrada em certos aspectos como na higiene pessoal. Ela “gosta de limpeza. Raspa os pelos – tanto os duros das pernas, como os mais macios do sovaco, estes, pincéis de certos odores. Não fuma maconha.” Ela se incomoda muito com o calor. Trabalhava na loja com seu pai, e era muito ativa (SCLIAR, 1978, p. 10, 12, 59). Por outro lado, às vezes era má e irresponsável. Recusa-se a pagar o devido valor ao combustível colocado em seu carro nem à limonada que toma na lanchonete (SCLIAR, 1978, p. 27, 48-49). Nos tempos escolares, Raquel descobre que sua colega Beatriz Mendes é judia, mas, no colégio de freiras, finge não ser adepta do Judaísmo. Indignada com a falsidade

da amiga, a protagonista quer que ela confesse a verdade à Irmã Teresa e, como Beatriz se nega a fazê-lo, Raquel “torce-lhe o braço”, “derruba-a, joga-se por cima dela. E ali fica, oprimindo-a com o peso de seu ódio e sentindo verdadeiro prazer no exercício deste jogo cruel” (SCLIAR, 1978, p. 43, 45). No trânsito, Raquel anda velozmente, fazendo “cavalo-de-pau”, assustando casais enamorados na praia (SCLIAR, 1978, p. 120).

No romance, aparentemente, Raquel é bissexual, pois além de achar Miguel bonito, ela se aproxima muito de Débora, moça que conheceu nas aulas particulares de piano ministradas por Maria Siqueira. Segundo o narrador, “era amor, o que Raquel sentia por Débora”. Da amiga, a protagonista “amava o rosto redondo, os olhos vesguinhos, um pouco irônicos, um pouco ternos, um pouco apatetados; amava o pescoço sólido, as grandes tetas, as coxas fortes como colunas”. Encontravam-se às escondidas no cinema, ocasião em que Raquel “refugiava-se no corpo grande e quente” dela. Além de Débora, outras moças frequentavam o quarto da casa de Raquel. Essas meninas eram amigas de Débora e “vinham ver Raquel, a menina do distante Partenon; admiravam-lhe as mãos de dedos longos, a altiva beleza do rosto” (SCLIAR, 1978, p. 49, 52, 53). Na sequência da narrativa, Débora e Raquel passam muito tempo sem se ver, mas depois se reencontram, estando Débora já casada com Isaac e sendo mãe de dois filhos. Nessa ocasião, Raquel ainda aparenta ter uma “queda” pela amiga (SCLIAR, 1978, p. 111-114).

No período em que frequenta a escola, Raquel também assedia sua colega de escola Isabel, de quem posteriormente rouba o marido e, por fim, a torna sua empregada doméstica (SCLIAR, 1978, p. 11, 30-31). O esposo de Isabel chamava-se Francisco. Ele assedia Raquel e ela consente sem se preocupar com os sentimentos da amiga. Todos os dias a protagonista vai até uma casa do bairro Teresópolis, um bairro bastante distante do Partenon, para se encontrar furtivamente com Francisco. Depois de ficarem juntos, ela, muito feliz, volta a pé para a loja sentindo “rios de amor nas ruas do Partenon”. O bairro gaúcho se torna um cenário de felicidade para ela, ao ponto de o narrador destacar que: “Na rua, volta-lhe a alegria. Vai a pé até o Partenon. Quer caminhar entre gente, embora tenha pena destas pessoas de testa enrugada e de olhar apreensivo e de boca seca. Pudesse repartir sua felicidade!”. O que ocorre na sequência, porém, não é nada festivo: Francisco não teve coragem para pedir o divórcio a Isabel e

acaba se suicidando. Raquel fica deprimida muitos dias. Nesse período ela acredita que engravidou do ex-amante, quando, na verdade, seu ventre inchado se justificava por ela ter ficado três dias trancada no seu quarto, sem evacuar, consumindo apenas água de uma garrafa verde-escura, água esta que, “fresca nas primeiras horas, já ao fim do primeiro dia a água tinha gosto de podre”. É nesse instante que, pensando no futuro de seu descendente, ela tem a certeza de que seu filho não deveria nascer, pois “não deverá ser exposto aos perigos do Partenon” (SCLIAR, 1978, p. 62, 63, 67, 72-78, 80).

O Partenon é um espaço perigoso em termos de roubo e de acontecimentos estranhos. Quando os pais de Raquel se mudaram para um apartamento no centro da cidade, ela passou a morar sozinha no referido bairro. Quando Maria, sua mãe, soube da atuação do “Diabo do Partenon” – “[ela] refere-se a um ladrão que assaltava as casas do bairro, deixando as iniciais, DP, pintadas nas paredes” –, aconselhou-a a tomar alguma providência. Raquel acabou se interessando em adquirir um cachorro para proteger sua residência. A ocasião surgiu quando ela passeava pelo bairro Moinho de Vento e um cão que saiu de um portão entreaberto “seguiu-a até o Partenon – um longo trajeto”, entrando espontaneamente em sua casa. Ela o adota e chama-o de Rajá. Era brincalhão, mas, já no Partenon, o cão, crescendo muito rápido, tornou-se “neurótico. Zangava-se sem motivo. À noite, latia para qualquer sombra”, por vezes passou a fugir e se juntar com os vira-latas do bairro em vez de cuidar da casa. Certo dia, Raquel se dispôs com o animal após encontrá-lo sentado em sua cadeira e com a pata sobre a mesa. Pegando-o pelo cangote, tirou-o da cadeira. “Ele tentou mordê-la. Olharam-se. Cheios de ódio, lançaram-se um contra o outro. Rolaram pelo chão, lutando”. Um vizinho acudiu-a, tendo que degolar Rajá para salvá-la (SCLIAR, 1978, p. 91, 92, 94). Parece que os cachorros do Partenon eram todos dominados por uma ira inexplicável, tanto que no início da obra se lê que Joli e Veludo eram “os ferozes cães do Partenon” que corriam atrás dos loucos do São Pedro. São esses mesmos cães com quem Rajá se aproxima quando passa a viver no Partenon (SCLIAR, 1978, p. 25, 94).

Outro evento estranho que Raquel vivencia em seu bairro são as fantasias que ela tem ora em forma de premonições ora em sonhos. Ela tem a constante sensação de estar sendo seguida ou vigiada por alguém (SCLIAR, 1978, p. 26, 37, 83, 117). Ela denomina uma delas como “o diabo do Partenon”, e

o narrador a descreve do seguinte modo: “Ela [Raquel], no inferno, deitada de pernas abertas, junto ao lago de fogo. Vem o diabo e enterra-lhe o tridente”. O contexto em que ela tem essa fantasia é após ela, depois de ter vários encontros amorosos com Francisco, sente que “de repente temores ocultos atormentam-na” (SCLIAR, 1978, p. 64, 66, 87). Retomando o episódio do cachorro adotado, é relevante pontuar que, nesse ambiente onírico em que Raquel vivia, ela também havia tido “um sono inquieto: acordava com a sensação de que Rajá estava ao lado dela, lambendo-lhe o ventre. Mas não havia Rajá nenhum.” (SCLIAR, 1978, p. 93).

Mediante essas exposições, nota-se que no romance *Os deuses de Raquel* o bairro Partenon é o espaço em que ocorrem os principais acontecimentos vivenciados pelos personagens. Esse bairro está muito atrelado à Raquel, pois é nele que se encontra a sua casa, a loja onde ela trabalha, a escola onde estudou, o Templo de seu melhor amigo, Miguel. O Partenon tem um aspecto místico, comportando acontecimentos estranhos, como as fantasias oníricas de Raquel. Com muito talento, Moacyr Scliar “costura” os limites do bairro às experiências das personagens, ao mesmo tempo em que traz para a literatura um pouco da história desse importante bairro porto-alegrense, que permanece imponente até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SCLIAR, Moacyr. *A face oculta: inusitadas e reveladoras histórias da medicina*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

_____. Manuscrito do livro *Os deuses de Raquel*. In: Coleção Delfos Digital PUC-RS. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/392>>. Acesso em: 18 maio 2017. (Contém anotações do próprio escritor)

_____. *Os deuses de Raquel*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1978.

ZILBERMAN, Regina. Do Bom Fim para o mundo: entrevista com Moacyr Scliar. In: *WebMosaica*: revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. v. 1, n. 2, jul.-dez. 2009. p. 116-120. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=oCCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2Fwebmosaica%2Farticle%2Fdownload%2F11987%2F7128&ei=uwt7U63bG8SBqgbEp4H4CA&usg=AFQjCNE68PxXEbR5VSKFGeWVYGkBaOKliQ>>. Acesso em: 20 maio 2014.